

## São (Beato) Nuno de Santa Maria

Extraído do III volume da obra «*Santos de cada dia – Setembro, Outubro, Novembro, Dezembro*», publicado pelo Secretariado Nacional do Apostolado da Oração – 4ª edição, revista e atualizada por António José Coelho, S.J., Editorial A.O., Braga 2003 (páginas 251-253).

Tão conhecida é a biografia do mais representativo herói da nossa galeria medieval que apenas dela se fará um breve resumo.

Nasce em 24 de junho de 1360, no Castelo de Bonjardim – filho do Prior do Hospital, D. Álvaro Gonçalves Pereira, e de Iria Gonçalves do Carvalhal, criada da corte. O Rei Dom Pedro I legitima-o no ano seguinte, a 24 de julho. Entra no séquito do Rei Dom Fernando em 1373 – aos treze anos, portanto – levado por seu pai. Logo se distingue num reconhecimento militar, quando o exército castelhano marcha sobre Lisboa. E é armado Cavaleiro. Em 1376, a 15 de agosto, por obediência às instâncias paternas e embora contrariado – pois o exalta já o sonho de imitar o exemplo de Galaaz e fazer voto de castidade – casa com D. Leonor de Alvim, rica dama de Entre-Douro-e-Minho, já viúva de Vasco Gonçalves de Barroso. Têm uma filha: Dona Beatriz. Em 1383, ante a crise provocada pela morte de Dom Fernando e pelo facto de a única filha do Monarca ser casada com o Rei de Castela, que ameaça a independência nacional, entra em intensa atividade política e exorta Dom João, Mestre de Avis, a tomar a chefia da revolta contra os Castelhanos. De momento, hesita o Mestre e Nuno Álvares Pereira, desanimado, retira-se para Santarém – onde se dá o estranho encontro, em fins de novembro, com o alfageme a quem confia a sua espada para afiar e restaurar, e que declara não lhe aceitar qualquer pagamento senão quando o vir elevado a Conde de Ourém. É o título usado pelo Andeiro, favorito da Rainha Leonor Teles – que, pouco tempo adiante, a 6 de dezembro, cai ferido de morte, em Lisboa, pelo Mestre de Avis.

Eleito Regedor e Defensor do Reino, logo a 15 de dezembro Dom João chama Nuno Álvares Pereira para o Conselho do Governo.

### [saber +]

A 6 de Abril de 1384, depois de rápidas operações no Alentejo, obtém o seu primeiro êxito de vulto, nos Atoleiros, graças à tática do quadrado, aprendida dos Ingleses que, na batalha de Crécy (1346), com ela destroçaram a cavalaria do Rei de França, Filipe VI. E, a 1 de julho, o Mestre de Avis nomeia-o Conde de Ourém e transfere para a sua posse os bens do Andeiro. O alfageme-profeta tinha razão!

E chega o ano decisivo de 1385. Na mesma data de 6 de abril, doze meses volvidos sobre a jornada dos Atoleiros, é aclamado Rei Dom João I nas Cortes de Coimbra, em que sobressai o «grão-doutor» João das Regras. Entre abril e junho, Nuno Álvares Pereira é nomeado Condestável a 7 de abril, pelo Monarca – conquista a Província do Minho em ações militares fulminantes. E a 14 de agosto, fere-se a batalha de Aljubarrota, em que de novo o *quadrado* português desbarata a soberba cavalaria de Castela e se consolida a nossa independência. Nuno Álvares tem parte primordial no triunfo e a sua aura cresce mais ainda quando, em outubro, ganha memorável vitória em Valverde.

No ano seguinte, depois da romagem de agradecimento a Santa-Maria-do-Meio, na Certã, reúne-se o Condestável a Dom João I para uma conferência com o Duque de Lencastre. Assenta-se no casamento da filha do Duque, Dona Filipa, com o nosso Rei – que se efetua a 2 de Fevereiro de 1387.

Em outubro de 1388 –já então tinha falecido D. Leonor de Alvim, e Nuno Álvares deixou a filha entregue aos cuidados da avó – inicia, em Aljubarrota, a construção da Capela de São Jorge; em Julho de 1389, lança ombros a edifício de maior vulto: o Convento do Carmo, em Lisboa, sobranceiro ao Rossio.

As hostilidades contra os castelhanos prosseguem e o Condestável dá testemunhos constantes da agudeza do seu génio militar e da rijeza do seu braço.

Mas ajustam-se tréguas. E adivinha-se que no seu espírito despontam outras perspetivas e outras aspirações. Em 1393, reparte as terras que lhe foram doadas com os companheiros de armas. Em 1397, instala no Convento de Lisboa os frades da Ordem do Carmo – com os quais estabeleceu relações de especial afeto no Convento de Moura, onde se recolheu o seu antigo meirinho João Gonçalves e cujo vigário-geral, Frei Alfonso de Alfama, especialmente considera. Em 1401, ajusta-se o casamento de sua filha Dona. Beatriz com o bastardo régio Dom Afonso, Conde de Barcelos, legitimado por Dom João. Treze anos mais tarde, em 1414, morre a Condessa de Barcelos e o pai, inconsolável, forma desde então o projeto de se recolher à clausura monástica. Ainda o solicitam, em 1415, para a expedição a Ceuta, que sinceramente aprova, e mais uma vez se ilustra como combatente – deixa assim ligado o seu nome ao primeiro passo que demos nos largos rumos da Expansão.

Até que, em 1422, partilha entre os netos os seus títulos e domínios: Ourém, que cedeu ao genro, para o mais velho; Arraiolos e o seu condado para o outro neto, D. Fernando; e para a mais nova, Dona Isabel, já casada então com o Infante Dom João, o Castelo de Loulé e diversas terras.

Despojado dos bens materiais, já pode agora volta –se para a busca de outra espécie de bens, os espirituais, que a sua grande alma ambiciona. E professa no Carmo, em 1423, a 15 de agosto. Sempre o Dia de Nossa Senhora da Assunção a presidir-lhe aos momentos culminantes da vida: desde o casamento, quarenta e sete anos antes, em 1376, à apoteose de Aljubarrota, em 1385; e agora, ao definitivo ingresso no Mosteiro que vai ser a coroação de um dos mais extraordinários destinos que na História se conhecem!

Ei-lo perante nós, aquele que mais nos interessa: o asceta despojado de todas as ambições terrenas, de todas as humanas frivolidades, entregue por completo ao único fito de adorar e servir Deus: o herói de outra batalha que,

depois de se ter mostrado invencível nas lutas do mundo, abandona títulos, honras e riquezas - para ser apenas, humilde e feliz, Frei Nuno de Santa Maria.

A sua existência é inteiramente percorrida por uma linha soberana, em que se descobrem três ideais distintos e um Ideal verdadeiro. Primeiro, a sedução generosa da Cavalaria - a fase em que só deseja imitar Galaaz e ser paladino de todas as causas nobres; depois, a adesão apaixonada à defesa da independência nacional - a fase em que trava mil combates, manifesta total despreendimento pela vida e uma confiança como que sobrenatural na vitória, e desdenha os perigos, afronta exércitos com a maior indiferença pela desproporção numérica entre os seus e os adversários. Por fim, a anulação absoluta na vida religiosa - a fase em que, afastadas as ameaças, consolidado o Portugal independente, se retira para as sombras do claustro e unicamente aspira a engrandecer a sua alma com os mais edificantes actos de devoção e caridade. No fundo, o que sempre lhe comanda o destino é uma razão transcendente. Bem o provam: a alta espiritualidade da sua conduta na juventude - quando procura esquivar-se ao casamento, decidido a cumprir, como o lendário Cavaleiro da Távola Redonda, um claro voto de pureza; mais tarde, nas horas guerreiras, os seus alheamentos místicos - como o daquele dramático lance de Valverde em que se isola numa oração ardente enquanto, à volta, tudo parece perdido, e afinal se levanta transfigurado para arrastar os companheiros ao assalto e ao triunfo; e, nos últimos anos, a naturalidade e a sinceridade insuperáveis com que se integra na sua missão de monge de Cristo, a prodigalizar atos de piedade e benemerência, a gravar no coração do povo a imagem prodigiosa do Santo Condestável, maior ainda que a do libertador do território e vencedor dos Castelhanos!

Três ideais distintos, um Ideal verdadeiro: no fundo, Nuno Álvares traz em si, desde o princípio, a vocação do serviço de Deus – para além de quaisquer outros senhores. E no serviço de Deus se extingue, abraçado ao Crucifixo, na pequena cela do Carmo, acompanhado até à última pelo Rei e pelos Infantes, chorado pelos mil desamparados que protegeu e acarinhou, no primeiro dia de abril de 1431.

Quis ser enterrado na capela-mor do convento, em sepultura rasa - onde descansa, após as solenes exéquias ordenadas pelo Soberano. O Infante Dom Duarte, seu amigo dileto, manda pôr uma lâmpada de prata sobre o túmulo, cuja chama arde, permanente, a consagrar-lhe a memória. Mais tarde, a Rainha Dona Joana, descendente de Nuno Álvares, filha dos Reis Católicos e mulher de Filipe, o Formoso, Arquiduque de Áustria, fá-lo transladar para um rico mausoléu de mármore, com a sua figura esculpida num dos extremos em hábito de carmelita e noutro extremo sob o aspeto de cavaleiro, provido de armas de guerra - mausoléu que o terramoto de 1755 destruirá. Quando os ossos do antigo Condestável vão para o lugar onde se acham atualmente, o Rei Dom José ordena que nova lâmpada ali seja colocada, também com fogo perpétuo.

Toda a Nação o considera Santo e se empenha em ver o seu culto autorizado pela Santa Sé. Daí, a súplica dirigida pelos Três Estados, nas Cortes de 1641, a Urbano VIII, para que proceda à beatificação de Frei Nuno de Santa Maria - instância renovada pelas Cortes de 1674, a Clemente X.

Correm os séculos. E a 15 de janeiro de 1918, a Sagrada Congregação dos Ritos, em sessão plenária, aprova e reconhece o culto do Santo Condestável, que o Papa Bento XV confirma, no decreto de 23 de janeiro do mesmo ano.

Assim eleva a Igreja aos altares o mais perfeito expoente de Heroísmo e de Fé da Idade Média em Portugal.

««««»»»»»»